

OCUPAÇÕES ESCOLARES: UMA BREVE REGRESSÃO GENEALÓGICA

Paulo Moises Gautério Gonçalves (1)
Arisson Vinícius Landgraf Gonçalves (3)

Universidade Federal do Rio Grande
Cotidianos, escolas e currículo
paulocapoef@gmail.com

Resumo: Atento ao acontecimento das ocupações escolares, localizo o objetivo deste trabalho em realizar um movimento de acompanhamento regressivo das referidas ocupações, a fim de esboçar, minimamente, a gênese dessas práticas no cenário brasileiro. Para isso, recorro a uma maneira de proceder, inspirado em uma atitude cartográfica. O investimento em realizar um exercício que nomeio aqui como uma breve regressão genealógica, tem possibilitado realizar uma leitura problematizadora das ocupações escolares frente ao funcionamento dos mecanismos institucionais. Com base nesse acompanhamento, fundamento aquilo que constitui meu problema central de pesquisa na seguinte pergunta: como as práticas de ocupação de escolas por estudantes secundaristas tomam consistência enquanto exercício de resistência ética, estética e política, no tempo-espaço em que vivemos?

Palavras-chave: educação, ocupações, ocupações escolares, resistência, cartografia.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos têm surgido diferentes movimentos de mobilizações estudantis, que têm incorporado outras características em relação aos movimentos “tradicionais”¹ de mobilização social. Atualmente, os movimentos sociais “atuam por meio de redes sociais, locais, regionais, nacionais e internacionais ou transnacionais, e utilizando-se muito dos novos meios de comunicação e informação, como a internet.” (GOHN, 2011. p. 4).

Atento a este acontecimento, localizo o objetivo deste trabalho em realizar um movimento de acompanhamento regressivo das referidas ocupações escolares, a fim de esboçar, minimamente, a gênese dessas práticas no cenário brasileiro. Para isso, recorro a uma maneira de proceder, inspirado em uma atitude cartográfica como modo de operar a produção de dados/conteúdos em pesquisa, especialmente, quando levado em conta a noção de atenção do cartógrafo (KASTRUP, 2009, p. 33-34).

Meu primeiro contato com a temática das ocupações escolares se deu via redes sociais. Por esse recuso, tive oportunidade, não apenas de me atualizar sobre tal acontecimento, como interagir com pessoas envolvidas diretamente com essas práticas, inicialmente, na cidade de Rio Grande/RS.

¹ Tradicionais no sentido exposto por Gohn (2011, p.3), caracterizados por “mobilizações, marchas, concentrações, passeatas, etc.”

Desse primeiro movimento, desdobra-se minha imersão na temática. Após alguns contatos com estudantes secundaristas, fui convidado a visitar a escola Estadual de Ensino Médio Bibiano de Almeida², na condição de ministrante de uma oficina de Capoeira. Com base em tais vivências, fundamento aquilo que constitui meu problema central de pesquisa na seguinte pergunta: como as práticas de ocupação de escolas por estudantes secundaristas tomam consistência enquanto exercício de resistência ética, estética e política, no tempo-espaço em que vivemos? Além disso, que arranjos históricos permitem a essas práticas tomarem a dimensão que ocuparam no cenário brasileiro?

Na cidade do Rio Grande, dia 13 de maio de 2016, estudantes do ensino médio das escolas estaduais E.E.E.M. Bibiano de Almeida e I.E.E. Juvenal Miller ocuparam as dependências de seus respectivos prédios. Os estudantes manifestavam-se em protesto contra o sucateamento da educação pública estadual e em apoio aos professores. Na escola estadual Bibiano de Almeida o movimento dos alunos, foi promovido pela *Organização Democrática Estudantil (ODE)*, organização autodenominada pelo grupo dos estudantes que tomaram a iniciativa. Já no I.E.E. Juvenal Miller a ocupação da escola foi deliberada em uma assembleia geral dos estudantes, na manhã deste mesmo dia.

Instigado a buscar pistas que me levassem próximo aos movimentos de origens dessa prática que se expressava na cidade do Rio Grande, procurei identificar como se iniciou esses movimentos de ocupação no estado do Rio Grande do Sul. Com esse objetivo, busquei informações a partir de sites, jornais, páginas sindicais e outros eventos que se formavam na rede social *facebook*.

No dia 11 de maio de 2016, a primeira escola foi ocupada no estado do Rio Grande do Sul (RS). A escola Estadual Coronel Afonso Emílio Massot, localizada no bairro Azenha, em Porto Alegre, foi a primeira escola ocupada por estudantes secundaristas no RS. A mobilização foi incitada pelo grêmio estudantil da escola que construiu reivindicações com pautas específicas e manifestação em apoio aos (às) professores (as). É importante salientar que os (as) professores (as) iniciaram o ano letivo de 2016 com paralisações. Segundo a categoria o movimento se dava em função de várias reivindicações, entre elas, pelo cumprimento da lei do piso salarial (luta esta que vem desde 2008), contra a terceirização, contra a entrega das escolas às organizações sociais (OSs), contra o parcelamento dos salários e contra a militarização de escolas.

² A escola Estadual de Ensino Médio Bibiano de Almeida fica localizada na rua: General Canabarro, 321 - Centro, Rio Grande - RS, 96200-200.

Ao identificar alguns aspectos relacionados às ocupações no estado do Rio Grande do Sul, sigo em busca de pistas, regressando esses movimentos que aconteceram em nível nacional. Algumas informações me levaram ao estado do Rio de Janeiro, em que no dia 2 de março de 2016, professores(as) iniciaram uma greve, reivindicando por melhorias na educação escolar. No mesmo mês da deflagração de greve pelos(as) professores(as), o movimento de ocupação por parte dos(as) estudantes secundaristas, começa a emergir nesse estado. Nesse cenário, a primeira escola ocupada foi o Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes, exatamente no dia 21 de março de 2016. A partir disso, foi percebido que os movimentos de ocupações ganharam força, espalhando-se para outros estados do país.

Foi possível identificar pautas específicas de acordo com cada estado e município, mas é evidente que um “mal-estar” com a situação da educação pública brasileira era aspecto comum em todas as regiões do país. Deve ser considerado que as ocupações escolares e a crise política nacional reverberaram outras ocupações com outras pautas e objetivos, como por exemplo, as manifestações e ocupações de prédios em protesto contra a extinção do Ministério da Cultura (MinC).

No Brasil dos últimos anos, a área educacional foi alvo de algumas proposições e imposições em níveis de governos municipais, estaduais e federais. Essas ações governamentais tendem reverberar diferentes movimentos de reivindicações e mobilizações por parte da população brasileira.

No estado de São Paulo, dia 23 de setembro de 2015, foi anunciado pelo governo de Geraldo Alckmin (SP), um projeto de reestruturação escolar, que previa o fechamento de pelo menos 93 escolas. Com a declaração do projeto de reestruturação, várias pessoas e coletivos fomentaram debates e estudos acerca do mesmo. Na sequência, aqueles (as) que se detiveram a estudar o projeto, se posicionaram de maneira contrária a este. A partir disso, iniciam-se movimentos de reivindicações e mobilizações que vão de encontro ao referido projeto de lei (PL).

Dentre as inúmeras ações que se expressaram contrárias ao projeto de reestruturação, surge o, até então incomum, acontecimento de ocupação escolar como forma de expressar os descontentamentos em relação às realidades da educação pública desse estado. De acordo com o documentário “ACABOU A PAZ, Isto aqui vai virar o Chile! Escolas Ocupadas em SP - de *Carlos Pronzato*”, as ocupações nas escolas no estado de São Paulo foram pensadas a partir do acesso a uma cartilha intitulada “*Como ocupar um colégio?*” (escrita por estudantes secundaristas da Argentina e do Chile), publicada por uma página na rede social *facebook*, denominada “*O mal educado*”. Após a visualização da cartilha e do documentário “*A rebelião dos Pinguins*”,

estudantes da E.E. Diadema³ resolveram convocar uma assembleia para expor a possibilidade de ocupar a escola. Nessa assembleia foram distribuídas aos estudantes, cópias da cartilha. Posteriormente, no dia 9 de novembro de 2015, a escola foi ocupada.

Esbarrado nas pistas que me indicavam outras realidades de ocupações escolares, dessa vez manifestadas no Chile, começo a percorrer outros caminhos a fim de mapear esses tensionamentos. No ano de 2006, aconteceu uma grande mobilização estudantil no Chile, que ficou conhecida como a *Revolta dos Pinguins*. As manifestações chilenas foram protagonizadas por estudantes secundaristas, e o protesto do movimento estudantil chileno, segundo, Leandro Silva de Oliveira (2011):

[...] começou como um protesto exigindo a gratuidade do passe escolar (vale transporte) e a diminuição do valor da inscrição na Prova de Seleção Universitária (PSU), reunindo inicialmente cerca de 10 mil estudantes. Tinha início em 30 de maio de 2006 aquilo que ficou conhecido como a *Revolta dos Pinguins*, tomava corpo uma grande mobilização, protagonizada por estudantes secundaristas que, articulados em nível nacional, entraram em greve, tomaram as escolas, organizaram assembleias e saíram em passeatas, ensejando uma cena inusitada no recente cenário da história chilena (p. 2).

Ainda no Chile, mais recentemente, em junho de 2011, iniciaram-se novas manifestações no país tendo como principal pauta o posicionamento contra a privatização da educação. As manifestações juntaram-se às reivindicações de outros setores, com isso foram ganhando o apoio da classe trabalhadora e de ampla parcela da sociedade. Após mais de 1000 estudantes serem presos nas manifestações que ocorriam nas ruas do Chile, a mobilização nas ruas tornou-se insustentável, fato este que culminou na decisão de ocupar as escolas. De acordo com o documentário “A rebelião dos Pinguins”, cerca de 90% das escolas chilenas foram ocupadas no ano de 2011.

Para além de algumas reivindicações históricas pela educação, hoje os movimentos sociais em prol dessa área abrangem questões de gênero, sexualidades, etnia, religiões, portadores de necessidades especiais, meio-ambiente, nacionalidade, construção de direitos e outras inconformidades.

No Estado brasileiro a precariedade na educação não é uma realidade recente, pois historicamente o mesmo, tem investido nessa área aquém do necessário. Com isso, emergem uma série de fatores em consequência do pouco investimento como, por exemplo, desvalorização dos (as) professores (as) que recebem baixos salários (quando não são parcelados), pouco ou inexistente investimento em formação continuada, precariedade nas estruturas físicas das escolas, terceirização de serviços, dentre outras consequências advindas do pouco investimento nesse setor.

³ Escola Estadual Diadema (antigo CEFAN) se localiza na rua: Antônio Doll de Moraes, 75 - Centro, Diadema - SP, 09920-540. Esta foi a primeira escola ocupada no estado de São Paulo.

CONSIDERAÇÕES

O investimento em realizar um exercício que nomeio aqui como uma breve regressão genealógica, tem possibilitado realizar uma leitura problematizadora das ocupações escolares como práticas de resistência ética, estética e política frente ao funcionamento dos mecanismos institucionais. Ao passo que é possível perceber a reivindicação por outros modos de educação, que tende romper com os modelos hegemônicos, carimbados pelo depósito de informações transmitidas pela verticalidade das relações, também, percebemos a proliferação de um determinado modo de ocupar os espaços escolares, conduzido por proposições pedagógicas nada espontâneas. Ainda assim, estas práticas baseadas em modelos replicados de outros contextos, demonstram-se potentes como modo resistir frente estruturas historicamente constituídas e estabelecidas no funcionamento das engrenagens institucionais.

REFERÊNCIAS

GOHN, M. G. **Movimentos sociais na contemporaneidade**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v.16, n.47, maio/ago 2011.

KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In. PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 32-51.

OLIVEIRA, Leandro Silva de. **Contra o quê luta o movimento estudantil no Chile**. Revista Segurança Urbana e Juventude, São Paulo, v.4, n.1/2, p. 1-15, 2011.

DOCUMENTÁRIOS

A rebelião dos Pinguins (legendado). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tetACHaxxJU>. Acessado: 03/09/2016.

ACABOU A PAZ, Isto aqui vai virar o Chile! Escolas Ocupadas em SP - de Carlos Pronzato. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LK9Ri2prfNw>. Acessado: 04/09/2016 .